

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AOS COMBATENTES DO ULTRAMAR EM OLIVEIRA DO BAIRRO

12 de Junho de 2007

GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmos. Senhores:

Presidente da Câmara de Oliveira do Bairro
Comandante da Região Militar do Norte
Presidentes das Juntas de Freguesia
Presidentes de Núcleos da Liga dos Combatentes
Ilustres Autoridades Civas e Militares
Minhas Senhoras e meus Senhores
Caros Combatentes

Oliveira do Bairro, terra emergente de uma impressão coletiva, especialmente determinada por condições diversas, constitui-se numa peça importante do complexo xadrez deste quadrilátero da região bairrada. Hoje homenageamos, de maneira simples mas profunda e duradoura, nesta terra da Bairrada, os Homens e Mulheres de Oliveira que ao longo da História, lutaram, alguns com o sacrifício da vida, e outros ainda lutam, pelos interesses vitais da sua Terra, da sua Nação e da sua Pátria. Mais um Padrão se eleva em solo português. Mais um monumento enriquece o património histórico e cultural de Portugal. Mas quando o simbolismo e significado do ato, por mais local e regional que seja, resulta de um sentimento nacional, sendo consequência de factos que marcaram profundamente a vida de todos os portugueses, estamos perante uma ato de pura lucidez, de puro reconhecimento que se quer prestar aos construtores desse passado e de exemplo que se quer transmitir aos portugueses de hoje e do futuro.

Por maior imaginação ou arte que o artista tenha no passar ao concreto, aquilo que vai na alma de cada um dos participantes nesses feitos de armas e que, em alguns desses participantes é visível no próprio corpo e noutros na própria vida, todos os padrões são iguais e grandes na finalidade e na intenção. Dizia Adriano Moreira na inauguração do monumento aos Mortos do Ultramar, em Belém, e cito “ Talvez nesta cerimónia, destinada a honrar os combatentes da guerra do ultramar português, fosse apropriado fazer ouvir apenas os clarins. Mas é costume antigo que os cidadãos procedam a cerimónias públicas em honra dos que combateram na guerra, erguendo a bandeira da Pátria”. Já o comandante supremo grego Péricles, no seu discurso em honra dos mortos na guerra, afirmava perante todos os combatentes vivos: “ A maioria dos que aqui estão neste momento pronunciaram discursos neste lugar, fez o elogio deste costume antigo de honrar, ante o povo, aqueles combatentes que morreram na guerra, mas a mim me parece que, as

solenes exéquias que celebramos hoje, são o maior elogio daqueles que, pelo seu heroísmo, as mereceram”.

Mas esta cultura humanista europeia, tão antiga como formativa e respeitadora da história, parece ainda não ter inspirado alguns comentadores portugueses que vêm nestas cerimónias, aquilo a que chamam “revivalismo colonialista”, afirmando mesmo que não houve heróis entre nós e que fomos todos vítimas. Já temos afirmado que o mundo e Portugal estão repletos de monumentos aos combatentes. Não conhecemos, por maior respeito que nos mereça a deserção consciente, nenhum monumento aos desertores. Por sermos combatentes e portugueses, aqui estamos hoje neste lugar e com esta finalidade. Porque nos não correu a última gota de sangue a alimentar esse rio vermelho da guerra, aqui estamos hoje com o mais profundo respeito e apreço, a homenagear e a perpetuar a memória daqueles que acabaram por fazê-lo.

Conhecemos e vivemos as mesmas circunstâncias de guerra e de paz que a uns deu a morte e a outros conservou a vida para dos acontecimentos darem testemunho e não deixarem deturpar a história. Dando a este momento o significado profundo que ele encerra e ao monumento, a missão singular de perpetuar, no tempo, este nosso sentimento, que é, estamos profundamente convencidos, o da generalidade dos portugueses. A nossa presença neste dia em Oliveira do Bairro e a de todos os que, desejando aqui estar hoje, o não puderam fazer, está assim plenamente justificada e enche-nos de honra e de orgulho por dele podermos partilhar. É que aqui, como no Portugal mais profundo, centenas de milhares de portugueses, cidadãos fardados, serviram as Forças Armadas, pegando em armas para cumprimento de uma decisão política, na defesa do que esta considerou serem, os interesses vitais do país. Tal como acontece nos dias de hoje.

Oliveira do Bairro junta-se, assim, a mais duas centenas de sítios portugueses onde se elevam padrões deste género e deve por isso sentir-se honrada e orgulhosa. É importante que se reafirme que em qualquer guerra, nomeadamente na guerra subversiva que enfrentámos, a vitória é mais difícil, se não empregarmos numa mão a espada e na outra o arado. Por isso estas cerimónias têm sempre esse cunho, de abranger no espírito da homenagem, todos aqueles que contribuíram para o cumprimento da missão a que Portugal se propôs. Tenham pegado na espada ou no arado. Ao senhor Presidente da Câmara de Oliveira do Bairro e à sua equipa, o Presidente da Liga dos Combatentes, em nome dos combatentes em geral, agradece esta marcante iniciativa. Iniciativa que pretendendo dar ao conceito de combatente o seu significado mais abrangente, enaltece o estado de alma, o estado de espírito que qualquer português deve incorporar na sua atitude perante a vida, ou seja a busca permanente da vitória, seja em que circunstâncias o tenha feito ou tiver que o fazer.

A Liga dos Combatentes recebeu da Comissão dos Monumentos da Grande Guerra através de diploma legal, a partir de 1936, a responsabilidade institucional e moral

de garantir a permanente dignidade dos monumentos erigidos em honra dos mortos pela Pátria. Assim tem feito ao longo dos anos e continuará a fazer. Fazemos votos para que este monumento seja a partir de hoje, um monumento vivo e aqui se transmita aos vindouros de Oliveira do Bairro e à sua juventude, os feitos dos seus antepassados. Aos combatentes e cidadãos do Conselho e aos seus legítimos representantes aqui deixamos essa tarefa que desejamos partilhar em comum: honrar os combatentes mortos e apoiar os combatentes vivos, trabalhando em permanência pela sua dignidade e pela garantia do respeito que merecem.

Se honraram a Pátria que a Pátria os contemple.